

**Disciplina:** O objeto causa do desejo, a estrutura topológica do Outro, a clínica e o laço social  
**Professor:** Raul Albino Pacheco Filho  
**Nível:** Mestrado/Doutorado  
**Créditos:** 03  
**Tipo:** Seminário de Núcleo - Eletiva  
**Semestre:** 2º de 2016  
**Horário:** 6ª feiras – 13h/16h

## **EMENTA**

O chamado campo do gozo, que Lacan se dedicou a investigar a partir da segunda metade da década de 60, fundamenta-se na formalização da função *mais-de-gozar* do objeto (a) causa do desejo. Mas não se pense que uma reflexão rigorosa sobre o gozo pode prescindir da consideração do que é da ordem da estrutura, já que, como ele afirma enfaticamente na sessão de 14 de maio de 1969 do Seminário 16 (1968-1969/2008):

Aí vocês veem porque, em psicanálise, quando se trata do sujeito, é sempre essencial retomar a questão da estrutura. É essa retomada que constitui o verdadeiro progresso, é só ela que pode fazer progredir o que é impropriamente chamado de clínica. (p. 300)

O que se deve considerar a respeito da estrutura topológica do Outro é que este não constitui um todo completo. É isto que coloca em pauta o conhecido paradoxo lógico de Russell (do catálogo de todos os catálogos que não contêm a si mesmos), assim como o Teorema da Incompletude de Gödel, para se pensar a respeito do assunto.

“O significante não pode ser tido, de modo algum, como capaz de designar a si mesmo”. (*Ibid.*, p. 302). Empregando-se as letrinhas da álgebra lacaniana, poderíamos dizer que nem S1, nem S2, podem ser representantes de si mesmos, a não ser distinguindo-se deles mesmos. E retomar essas questões e as consequências delas originadas é essencial para se verificar as implicações daí derivadas, tanto para o âmbito das categorias clínicas, quanto para o que se refere ao laço social.

No caso da perversão, ela é abordada no Seminário 16 como a estrutura do sujeito para quem a referência da castração “é tamponada, mascarada, preenchida pela operação do objeto (a).” (*Ibid.*, p. 283). Já o neurótico é caracterizado como aquele para quem o saber é o gozo do sujeito suposto saber e, conseqüentemente, incapaz de sublimação. O obsessivo, em particular, é apresentado como quem não se toma pelo senhor. E a histérica é apresentada como aquela que não se toma pela mulher.

O que a histérica supõe é que a mulher sabe o que quer, no sentido de que o desejaria. É por isso mesmo que ela só consegue se identificar com a mulher ao preço de um desejo insatisfeito. Do mesmo modo, o obsessivo, em relação ao senhor que o serve, num jogo de esconde-esconde, ao fingir que a morte só pode atingir o escravo, é aquele que só identifica do senhor isto, que é real: que seu desejo é impossível. (p. 374)

E sabemos que é nos Seminários 16 e 17 que Lacan desenvolve a estrutura do discurso como laço social, enquanto modos de ordenação do gozo com a linguagem. E que implicam “a renúncia da tendência pulsional em tratar o outro como um objeto a ser consumido: sexual e fatalmente. Pois a inclinação do homem é ser o lobo do outro homem, ou seja, abusar dele sexualmente, explorá-lo, torturá-lo, matá-lo, saciando no outro sua pulsão de morte erotizada.” (Quinet, 2009, p. 17).

O objetivo deste seminário é explorar as consequências que se podem extrair, para a clínica e para o laço social, das articulações apresentadas no Seminário 16 entre o objeto (a), sua função *mais-de-gozar* e a topologia furada do Outro.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

LACAN, Jacques (1966) *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques (1968-1969) *O Seminário, Livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques (1969-1970) *O Seminário, Livro 17: O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques (1972) *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

PACHECO FILHO, Raul Albino (2013) O real: a resposta da ciência e a resposta do psicanalista. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 26, jun. 2013, p. 35-43, 2013.

QUINET, Antonio (2009) *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar